

**DA IDEALIZAÇÃO DA FRELIMO
À COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE***

* Revisão de um texto de AQUINO DE BRAGANÇA (Director do Centro de Estudos Africanos) e de JACQUES DEPELCHIN (Investigador do C.E.M.) apresentado para discussão num seminário do C.E.A. da U.E.M. a 14 de Fevereiro de 1986. Os autores agradecem todas as críticas e contribuições dos seus colegas do Centro que permitiram melhorar o artigo.

Vários textos têm sido publicados nos últimos anos sobre a História de Moçambique, a maioria deles em inglês o que impossibilita grande parte dos moçambicanos terem acesso aos debates que se realizam sobre a história e conseqüentemente conhecerem melhor o seu país.

Este ensaio não pretende corrigir esta situação mas contribuir para assinalar alguns dos mais significativos debates e contribuições que se têm feito sobre a história recente de Moçambique e assim minimizar os efeitos negativos do limitado acesso de tais publicações entre os leitores moçambicanos.

O objectivo principal do ensaio é situar a problemática do processo revolucionário iniciado pela FRELIMO durante a luta armada de libertação nacional, pretendendo demonstrar a possibilidade e necessidade de reanalisar a própria história da FRELIMO e de Moçambique como base para uma análise mais correcta das contradições que se levantam hoje.

São analisadas em particular duas obras publicadas em 1984 e 1985 da autoria respectivamente de Joseph Hanlon e de John Saul (1). Joseph Hanlon trabalhou em Moçambique como jornalista correspondente da BBC e do Manchester Guardian. John Saul é um "compagnon de route" da FRELIMO de longa data que já apoiava esta organização quando era professor na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Dar-es-Salaam nos fins dos anos 60. De notar que o texto de Saul é produto de um colectivo de vários autores que trabalharam ou trabalham em Moçambique. A colectânea cobre sectores como a educação (Judith Marshall) a agricultura (Helena Dolny) a indústria (Peter Sketchley) o planeamento físico (Barry Pinsky) a saúde (Carol Barker) e as mulheres (Stephanie Urdang). Cabe no entanto a John Saul a fundamentação das premissas teóricas, que dão uma coesão ao texto, no que constitui a parte mais significativa do livro.

Embora a realidade moçambicana seja o foco principal

destes dois estudos, salienta-se também o inter-relacionamento entre os acontecimentos que ocorreram em Moçambique e os que constituem um pano de fundo mais vasto da história regional da África Austral dominada hoje pelo crescimento do movimento popular contra o regime do "apartheid".

Ambos os livros testemunham o impacto regional do crescimento político e ideológico da luta de libertação nacional desencadeada pela FRELIMO e os efeitos contraditórios da independência de Moçambique, quer entre os nacionalistas sul-africanos, quer sobre os dirigentes do "apartheid", que viram no processo moçambicano uma ameaça directa não só à sua hegemonia dentro da África do Sul como à sua predominância política e económica e à do próprio sistema capitalista em toda a região austral de África.

Assim, o primeiro capítulo do livro de Hanlon começa, muito apropriadamente, com as palavras do Ministro da Informação, José Luís Cabaço: "Construímos alguma coisa". O ministro queria chamar a atenção ao facto de, apesar de muitos erros graves, os moçambicanos conseguiram alguns sucessos. Não há dúvida que muitos poderão discordar e afirmar que o carácter duma revolução é determinado não por aquilo que foi, mas por aquilo que é. No entanto, numa situação em que os ataques dos bandidos armados estão a fazer tudo para que aquilo que foi construído seja destruído, ao ponto de fazer esquecer o caminho percorrido, é importante ter relatos do percurso.

Os dois livros têm efectivamente como objectivo principal de relatar as lutas que transformaram a Frelimo dum movimento meramente nacionalista num movimento dedicado à transformação revolucionária da sociedade moçambicana. Para as pessoas que não participaram directamente neste processo, a Frelimo que conhecem é uma Frelimo tão abalada que quase irreconhecível. Os autores não são neutros, e concordam inteiramente com as opções da Frelimo. Paradoxalmente, é este engajamento que constitui um dos problemas centrais dos livros.

"Revolução debaixo do fogo", "Um caminho difícil", são os dois subtítulos que Hanlon e John Saul, respectivamente, utilizam para tentar fazer a ponte entre a Frelimo de 1975,

cheirando a vitória e a Frelimo de 1985, exangue, esgotada, muito longe da imagem de 1975. O que os autores querem mostrar é que a Frelimo de hoje, às vezes aparecendo derrotada, é também uma Frelimo vitoriosa. A falha maior dos dois livros é de não analisar as contradições que levaram a Frelimo vitoriosa à situação actual.

Sem fazer um elogio ao derrotismo procuraremos demonstrar neste ensaio que é possível analisar as actuais contradições da Frelimo a partir da sua própria história no quadro da história da própria sociedade moçambicana.

A formulação de novas perguntas e questões torna-se contudo uma necessidade. Estas devem ser, porém, colocadas de modo a que permitam abordar a história da Frelimo, não como um texto inalterável, mas como um processo contraditório inserido na luta nacionalista e social de Moçambique.

Assim, como a luta contra o colonialismo trouxe à luz uma história abafada e negada pelo próprio colonizador, as lutas travadas desde a independência devem-nos permitir olhar de forma diferente sobre aspectos e lutas anteriores à própria independência e ao seu processo e, assim, melhorar os nossos instrumentos de análise para compreender as contradições de hoje.

Ao fazerem uma análise crítica da história de Moçambique desde a independência os dois livros destacam os aspectos mais significativos que constituíam intenção da opção socialista da Frelimo. Embora o seu enfoque seja o período do após independência, ambos os autores resumem a história da luta armada e concluem com uma análise do impacto do Acordo de Nkomati.

Não pretendemos negar o mérito dos dois autores, mas mostrar a importância de aprofundar a crítica, se queremos fortalecer as fileiras dos que combatem por uma transformação socialista de Moçambique.

Estes dois livros destacam-se de muitos outros publicados anteriormente na medida em que tentam produzir uma análise crítica da situação a partir de uma posição de apoio aos objectivos traçados pela Frelimo. Procuram não cair numa mera justificação ideológica, mas, ainda assim, a sua característica principal é a de não analisar a situação real, tal como ela é, mas a de dar respostas a posições

ideológicas antagónicas. Embora tenham a sua importância e as lutas ideológicas possam conduzir-nos a discussões e análises justas e justificadas, falham neste caso por não enfrentarem a realidade concreta.

1. OS PONTOS DE PARTIDA: A TRANSFORMAÇÃO DAS PREMISSAS EM POSTULADOS

Um dos problemas de fundo da História da Frelimo provém não só da forma vitoriosa como esta história é abordada, mas, sobretudo, da utilização dos seus conhecimentos de forma inquestionável. O facto de a luta armada ter desembocado na Independência em 1975 contribuiu para que esta fosse vista como uma prova de justeza da luta armada, criando-se assim um consenso, implícito e silencioso, sobre as causas da vitória da independência.

Na crónica de uma historiografia vitoriosa é muito raro encontrar relatos focando aspectos "menos vitoriosos". Assim, na História da Luta Armada, como o processo global conduziu à vitória, considera-se ser desnecessário analisar de uma forma crítica o conteúdo e os limites dessa vitória: não se avaliam os aspectos que nessa vitória poderiam no futuro comprometer e ameaçar a consolidação de algumas das conquistas alcançadas.

Quer no livro de Saul, como no livro de Hanlon, não se encontra uma tentativa de repensar a história de libertação a partir de 1962. O processo das transformações da Frelimo entre 1962 e 1975 não é visto como podendo constituir um tema de estudo histórico necessário para analisar o presente. Ora, na história, como em qualquer ciência, é necessário, às vezes, voltar atrás e requestionar os conhecimentos considerados como definitivos. No caso da Frelimo não se trata de questionar o objectivo escolhido, trata-se de analisar como o caminho foi percorrido e se a maneira como se conta este percurso não tem gerado erros de compreensão, erros de conhecimentos. Ao nível de reflexões e de análises da vitória da luta armada, os textos são dominados

por uma problemática teleológica. Isto significa que a prova da vitória está na própria vitória e, portanto, não há necessidade de colocar perguntas que ponham em dúvida esta questão.

Uma das palavras de ordem da Frelimo diz que a vitória prepara-se, a vitória organiza-se. A própria Frelimo tem dito também que o 25 de Abril de 1974 ocorreu cedo demais; pode-se deduzir correctamente que a vitória, alcançada sem ter sido preparada suficientemente, não foi tão satisfatória como devia (ou podia) ter sido. Por outras palavras, apesar do facto dos próprios dirigentes da Frelimo terem sugerido que a vitória teve limites, os historiadores desta vitória preferiram focar sobre a vitória e não sobre os problemas "pendentes" da luta armada.

Salvo erro, não existem até hoje textos que tentam analisar objectivamente o conteúdo, os limites e as contradições da vitória sem cair no reducionismo, quer em dar primazia a um facto, ou conjunto de factores, que simplificam e, portanto, distorcem um processo complexo (2). Isto, pelo menos, no que diz respeito aos textos de esquerda, pois os textos de direita têm uma tendência inversa: a Frelimo é apresentada como uma organização militarista enfeudada aos interesses dos países socialistas. Esta inversão teleológica tem servido, aliás, para alimentar a estratégia de agressão dos países imperialistas. E, para esses, como a Frelimo está colocada no campo inimigo tudo será feito para impedir a vitória ou a consolidação desta vitória (3).

2. A HISTÓRIA COMO FRENTE DE LUTA POLÍTICA E IDEOLÓGICA

No contexto corrente da África Austral e tendo em conta o desenvolvimento das lutas e a importância dos interesses em jogo, é extremamente difícil fazer uma análise histórica que seja ao mesmo tempo um contributo para a luta. Dito de uma outra maneira o problema consiste em saber produzir uma história crítica e construtiva, sem

cair no paternalismo académico e no triunfalismo cego. Como se irá combater a propaganda ideológica de direita, sem produzir uma história-propaganda cuja utilidade será limitada à função de contra-ideologia, é a questão que levantamos.

Embora não esteja abordado explicitamente por nenhum autor, a questão do foco é importante. Fazer a História da Frelimo corresponde a fazer a história de libertação nacional de Moçambique? Da maneira como a periodização predominante é apresentada, a resposta é ambígua. O período anterior à fundação da Frelimo é visto como fazendo parte dum outro período, nitidamente separado do período da luta armada. Não se põe em dúvida a validade dum estudo da história da luta armada, o que se questiona é saber, se produzir uma história da luta armada dirigida pela Frelimo permite, automaticamente, compreender a história global do processo ao nível do país.

As vezes, implicitamente, a história da Frelimo é considerada como a concentração das contradições da sociedade moçambicana. Esta interpretação aparece claramente quando se discute a famosa luta das duas linhas. A luta, localizada dentro do seio da direcção da Frelimo, constitui uma passagem chave da história da Frelimo. Porém, se questionarmos em que medida esta luta permite compreender as contradições que, naquelas alturas e depois, dividiam a sociedade moçambicana, será difícil encontrar uma resposta.

A vitória da independência em 1975 contribuiu significativamente para impor a ideia de que a história da luta pela independência nacional pode, no essencial, ser reduzida à história da Frelimo. E a maneira como decorreu o 3º Congresso pode ser vista como a confirmação da ideia de que todos os moçambicanos se reconheciam dentro da Frelimo. Havia uma aparente coincidência entre as duas histórias mas, na realidade, a história da Frelimo só pode ser entendida em toda a sua especificidade quando colocada no global da história de toda a sociedade moçambicana.

Por exemplo, no que diz respeito à caracterização ideológica da Frelimo seria possível argumentar que a Frelimo estava mais próxima do marxismo-maoísmo revolucionário, quando do processo da criação das zonas libertadas, do

que quando se proclamou partido marxista-leninista, partido de vanguarda, no 3º Congresso em 1977? Uma das dificuldades mais óbvias desta argumentação será, evidentemente, a questão de saber o que se deve entender por marxismo-leninismo. Se for aceite esta hipótese de trabalho, será necessário explicar por que houve esta inversão, por que é que a Frelimo parece ter-se tornado menos revolucionária precisamente no momento em que foi proclamado o socialismo como meta a atingir. Pode-se perguntar: terá havido uma relação de causa a efeito entre a ascensão de um movimento de guerrilha a um aparelho de Estado herdado do inimigo? Seja o que for, é difícil no contexto desta problemática não pensar nas palavras do Presidente Samora em 1975: "Ao retirar os quadros das zonas libertadas, estamos a retirar o peixe da água"(4).

É preciso também lutar para preservar o sentido de certos conceitos produzidos no processo da luta. Um desses é o de zonas libertadas, muitas vezes vulgarmente idealizadas ao ponto de se perder totalmente o significado específico que tinha. Predomina na sua utilização o sentido quase literal de libertação da presença física da administração portuguesa. Ora esta libertação só constituía um aspecto do sentido das zonas libertadas. Para a Frelimo, o conceito referia-se às transformações das relações sócio-económicas nas zonas controladas por ela. Contrariamente ao sentido quase literal, este último significado implicava que o processo de transformação fosse o resultado de lutas cujo êxito final não podia ser considerado como automaticamente realizado. Além disso, importa salientar que o nível das transformações não tinha atingido o mesmo grau em todas as frentes da luta. Mas como há uma tendência em generalizar a partir das transformações mais radicais e excepcionais, acaba por se transmitir uma ideia distorcida do processo. O facto de nas zonas libertadas se ter combatido as práticas do inimigo não significa, de maneira nenhuma, que essas práticas tinham desaparecido totalmente. Assim, ao lado de situações em que as mulheres assumiam posições de chefia, havia mulheres que continuavam a ser utilizadas como objectos de prazer e fontes de rendimentos para os homens e famílias.

Apesar da Frelimo ter sempre insistido sobre a necessidade de não abordar a guerrilha só do ponto de vista militar, o grande historiador e simpatizante da Frelimo, Basil Davidson, no seu, aliás excelente, livro The People's Cause, cai precisamente neste reducionismo (5). Davidson pensa correctamente que a operação "Nó Górdio" saldou-se pela derrota militar de Kaulza de Arriaga, mas a análise não devia ter parado aí porque a Frelimo visava muito mais do que uma derrota militar. O avanço militar da Frelimo em 1972 na província de Tete foi possibilitado pela solidez política e ideológica das zonas libertadas de Cabo Delgado e Niassa, mas este avanço militar não significou uma extensão, uma reprodução das zonas libertadas. Resta perguntar se teria sido possível fazer coincidir o avanço militar com o avanço das zonas libertadas. A Frelimo tinha, na altura, os quadros necessários para cumprir esta tarefa? Não é possível responder a esta pergunta sem uma investigação mais aprofundada, mas é necessário que esta seja feita sobretudo porque a questão da falta de quadros é levantada muito mais frequentemente para o período após 1975 do que para o período anterior.

É preciso analisar a luta não só a partir das transformações do lado dos oprimidos mas também das modificações do Estado colonial provocadas pelo impacto da guerrilha. O impacto não é analisado porque o colonialismo continua a ser visto como um sistema imutável enquanto eram visíveis as tentativas do colonialismo em se manter por via de reformas. A guerrilha não modificou a natureza do sistema colonial. Mas, com o avanço da guerra, notava-se que o Estado colonial tornava-se mais repressivo e violento ou mais reformador, de acordo com o facto dos grupos ou os indivíduos visados constituírem ou não uma ameaça à continuação do sistema.

3. O ENQUADRAMENTO TEÓRICO DAS FONTES OFICIAIS

Hanlon e os autores do livro de John Saul recorrem

muito aos discursos oficiais para fundamentar os seus argumentados, mas nenhum dos autores tenta problematizar essas fontes. A problemática aceite é a problemática dos discursos. Ao fim e ao cabo a dificuldade principal parece ser a incapacidade de colocar perguntas fora das perguntas postas pelo percurso da história já percorrida. Sem nenhuma excepção o molde predominante é o seguinte: os problemas enfrentados pela Frelimo não vieram só do exterior, alguns foram o resultado de erros - argumentam que esforços foram feitos para os corrigir. Uma história oficial, portanto, tem a tendência de ser uma história teleológica, autojustificativa.

É por via desta prática que a história da Frelimo tem sido contada por meio de acontecimentos chaves. Dentro desses destacam-se os congressos. E duma certa forma, os autores não conseguem libertar-se deste formalismo na utilização das fontes. Assim, por exemplo, está aceite a ideia de que a colocação de Jorge Rebelo e de Marcelino dos Santos na direcção do Partido a tempo inteiro foi um dos resultados do 3º Congresso em que tinha sido decidido dar mais peso ao Partido e, neste sentido, fornecer mais quadros ao Partido. Ora, o que aconteceu na realidade foi diferente. De 1977 a 1983, o Partido foi enfraquecendo constantemente em relação ao Estado. Os esforços feitos para modificar a situação, da ofensiva às revitalizações, podem ser considerados como provas das dificuldades encontradas nas tentativas infrutuosas de concretizar palavras de ordem no sentido de reforçar o Partido.

Na formulação das críticas, os discursos presidenciais constituem uma fonte privilegiada porque constituem uma prova irrefutável da capacidade autocrítica da Frelimo ao mesmo tempo que são uma protecção contra possíveis acusações de ultra-esquerdismo e/ou confusionismo. Por exemplo, o discurso contra as ilegalidades do aparelho repressivo do Estado é utilizado como prova séria da intenção do Estado em estabelecer o poder popular. Além disso o contexto em que foi feito o discurso - a ofensiva política e organizacional - é também utilizado como prova da vontade de valorizar e enraizar as lições da luta armada: tratar o povo como a fonte de inspiração do poder (6). As intenções demonstram a existência formal de estabelecer o poder

popular, mas não são concretizadas. Porquê? Se não pudermos por esta pergunta analisar o porquê da não coincidência entre as intenções e a realidade, o campo ficará totalmente aberto para as respostas do inimigo. Respostas que, de forma nenhuma, estão interessadas em encontrar soluções para a construção duma sociedade socialista.

4. 1975: CONTINUAÇÃO OU RUPTURA?

Cronologicamente, os dois livros de Saul e Hanlon centram-se sobre o período após 1975. A fraqueza dos dois textos reside precisamente na utilização de 1975 como ponto de partida. A problematização utilizada de chamar a atenção às diferenças entre o governo que toma o poder em 1975 e vários regimes neocoloniais não é suficiente (7).

A Frelimo foi efectivamente diferente de muitos outros movimentos, mas a melhor prova desta diferença não passa por uma idealização da Frelimo. John Saul, apesar de confrontar este problema da idealização, não consegue estabelecer as bases duma crítica objectiva (8). Para John Saul, a diferença entre a Frelimo e outros partidos políticos, que se intitulam marxistas-leninistas, reside na prática. Segundo John Saul, a Frelimo conseguiu evitar quase todos os aspectos negativos de todos os tipos de marxismo-leninismo, e mesmo quando estava a cair num desses defeitos havia sinais prometedores de correcção. Assim a Frelimo evitou as falhas do Socialismo Africano e do hipercentralismo do socialismo dos países socialistas da Europa Oriental (9). Mas quando começa a enfrentar os problemas actuais profundos que impedem o avanço da revolução socialista, os analistas caem no pessoalismo, falando das personalidades dos dirigentes da Frelimo.

Neste aspecto, o texto de Hanlon, menos preocupado com uma discussão sobre o marxismo-leninismo, está muito mais perto da tradição dominante da Frelimo (10). O que importa era saber se a luta estava ou não a defender os

interesses da maioria. Como muito bem disse Marcelino dos Santos: "O nosso objectivo principal era de nos colar ao povo". Evidentemente, "o povo" pode-se tornar numa fórmula vazia, mas pelo menos tem a vantagem de se referir a uma realidade concreta enquanto o marxismo-leninismo será sempre uma noção abstracta. Querendo a todo o preço demonstrar o marxismo da Frelimo, Saul acaba por produzir uma discussão que está mais perto da casuística do que duma metodologia marxista.

No centro desta discussão sobre o marxismo, destaca-se a questão da natureza do Estado, o que significa, automaticamente, discutir as relações de classes dominantes na sociedade moçambicana. Embora não satisfatoriamente, Hanlon vai muito mais longe do que John Saul. Hanlon argumentava de que "os aspirantes à burguesia" são aqueles que vêm das camadas mais privilegiadas da época colonial e que continuam sendo saudosistas das sociedades de consumo (11). O problema de fundo desta abordagem, é que parte do princípio da não inexistência da burguesia porque "não tem poder económico". No entanto, o facto de a chegada ao poder da Frelimo ter retirado as bases sócio-económicas dos aspirantes à burguesia, não podia significar, por si só, que estes aspirantes não iriam tentar criar essas bases a partir dos meios disponíveis. E mesmo que estes meios não existissem, tentariam criá-los. As relações de exploração e de opressão não esperam condições ideais para se manifestarem.

É verdade que a tomada do poder pela Frelimo dificultou as manobras deste grupo, mais uma vez que se deu conta de que os meios só podiam ser obtidos pela via do Estado, este grupo engajou-se num assalto sistemático para conquistar posições de destaque no aparelho do Estado. E este assalto foi de certo modo facilitado pela concepção segundo a qual o Estado e o Partido podiam ser isolados do resto da sociedade. Por um lado fala-se muito da necessidade de impermeabilizar o Partido e o Estado, mas por outro lado, o próprio Presidente Samora explica como, por exemplo, várias ligações de família, de classes e de amizade fazem com que os que deviam implementar as leis do Estado não o façam porque elas vão contra os interes-

ses que aqueles querem defender. Portanto, paradoxalmente, vê-se na prática, como o Estado e o Partido acabam por ser afectados por estas forças sócio-económicas, pelo que, no concreto, acaba por predominar uma paralisia. Mas o paradoxo é só aparente pois se for aceite que o Estado e o Partido foram permeados, não nos devemos admirar que o Estado e o Partido não consigam desfazer-se das forças reaccionárias.

O conceito dominante de "infiltrado", para falar da penetração inimiga dentro do Partido e do Estado, é a contrapartida da impermeabilização. Em ambos os casos, a análise tende a focar sobre indivíduos em vez de processos e posições de grupos.

São as condições materiais que acabam por determinar a consciência social. Como diz muito bem um texto do Presidente Samora, homens podem alterar situações, mas também novas situações podem transformar os homens, mesmo os mais revolucionários (12).

A saída dos dois livros ocorreu no contexto das celebrações de vários aniversários: 1982, o vigésimo aniversário da fundação da Frelimo; 1983, o IV Congresso; 1984, o vigésimo aniversário do início da luta armada e, finalmente 1985, o décimo aniversário da independência. Além disso, a assinatura do Acordo de Nkomati a 16 de Março de 1984 e as acções cada vez mais destruidoras dos bandidos armados foram momentos que naturalmente levaram a fazer balanços.

Apesar dos progressos significativos, John Saul exprime uma reserva importante: "efectivamente, com o risco de exagerar, poder-se-ia dizer que a revolução se enfraqueceu em vez de se reforçar na base, durante os anos que seguiram imediatamente à independência. A Frelimo simplesmente não conseguiu institucionalizar o poder popular..."(13). Nenhum dos autores põe em dúvida as conquistas alcançadas, mas Joseph Hanlon acaba por escrever aquilo que, provavelmente, milhares de moçambicanos se perguntam constantemente desde 1983: "O verdadeiro teste para saber se a desestabilização funcionou ou não, estará na forma como a Frelimo escolher reconstruir a sua economia. A civilizada alternativa foi destruída? A África do Sul, o Ocidente e os aspirantes

à burguesia na Frelimo aceitarão assumir o socialismo e o poder popular como os seus próprios objectivos?"(14).

A dificuldade que John Saul tem, em fazer a sua avaliação, provém do facto de ele, a partir dos tempos da luta armada, ter projectado o que a Frelimo iria cumprir, mas como esta projecção não coincide com a realidade, a argumentação apresentada não convence. A própria Frelimo, pela voz do Presidente Samora, alertou contra uma idealização apressada feita a partir de vitórias do passado:

"Perguntamos, por que é que os quadros veteranos da luta, que construíram com numerosos sacrifícios aquilo que somos hoje, se deixam, como dizemos, ultrapassar? Temos primeiramente como causa desta situação, o espírito de vitória.

As grandes vitórias que alcançámos, tanto no campo da luta armada como na liquidação das forças reaccionárias e na destruição das infiltrações inimigas no nosso seio, ou ainda na reconstrução nacional, levam certos camaradas a só verem vitórias contínuas, a desprezarem tacticamente o inimigo, a considerarem sempre a situação como "normal", "boa", e nunca tiram lições dos reveses, não estudam como combater as nossas limitações.

Por isso deixam de estudar a nossa linha, acham que já conhecem o suficiente e aí estão as vitórias a prová-lo. O resultado é o abandono da análise política, a nossa consciência torna-se insensível aos desvios e agressões contra a linha e, assim, não conseguimos detectar e destruir no ovo as infiltrações ideológicas, morais e físicas do inimigo"(15).

Fazer o balanço só a partir de 1975 introduz uma distorção que impede uma compreensão correcta do percurso e das transformações que afectaram a Frelimo na altura daquela transição histórica. Uma das implicações desta abordagem é que a Frelimo de 1975 é a mesma que a Frelimo das zonas semilibertadas e das zonas libertadas. Não são considerados como pontos de estudo as contradições e as lutas que fizeram crescer a Frelimo dum movimento meramente

nacionalista para um movimento decidido a transformar radicalmente as relações herdadas do colonialismo português.

Uma outra implicação, paralela, é que as contradições enfrentadas são mais ou menos as mesmas do que antes de 1975. E por isso não se estuda as diferenças.

No período de preparação do IV Congresso muitas críticas referiram-se a estes objectivos, e ao referir estes objectivos, referiram-se à Frelimo que conseguiu ultrapassar a crise interna de 1966/69 quando "os novos exploradores" tentaram guiar a Frelimo no sentido só da independência nacional.

As lutas entre as duas linhas, que vão praticamente de 1962 a 1970, não acabaram com a vitória da linha revolucionária. Foi muito mais um episódio duma luta prolongada. Quando a Frelimo tomou o poder em 1975, reencontrou de novo uma situação semelhante à de 1962/1966 nas antigas zonas libertadas, mas desta vez a nível do país. Com a derrota infligida a Kaulza de Arriaga, outros Nkavandame preferiram seguir a Frelimo, não porque assumissem os seus objectivos políticos e ideológicos, mas sim porque a Frelimo tinha saído vencedora do combate com os portugueses. Uns desafiaram abertamente por via de tentativa de criar partidos políticos, mas uma outra parte escolheu oportunisticamente pôr-se do lado dos vencedores à espera dum melhor momento.

A questão da transição dum movimento de guerrilha para um Partido que toma o poder de Estado é levantada, mas não discutida, nos dois livros. Uma das razões desta reticência vem da já mencionada tendência dos autores em não fazer uma análise problemática das suas fontes. E como resultado disso, não analisam criticamente uma das consequências da derrota dos "novos exploradores", o que os fez pensar que o movimento, mais tarde o Estado e o Partido, tendo-se purificado desses elementos num determinado momento e em determinadas circunstâncias, sempre encontrará dentro de si esta capacidade de se purificar. Ora, sobre este ponto específico, de como manter a linha revolucionária, a Frelimo foi claríssima:

"As lições tiradas dos erros devem ser discutidas

pelas massas para que elas adquiram a nova experiência. As violações da linha e as agressões contra a nossa disciplina devem ser objecto de discussão e crítica pública das massas. Fazendo assim, por um lado utilizamos os erros para aprofundar a nossa consciência política, e por outro lado entregamos às massas a defesa da linha e da disciplina que é a sua propriedade"(16). No entanto, a partir do espírito de vitória chegou-se ao ponto de aceitar os seguintes pontos como se fossem postulados que não se pode questionar:

1. O aparelho estatal seria o instrumento privilegiado de transformação da sociedade moçambicana;
2. Este postulado continha um outro, a saber, que o Estado seria uma entidade administrativa separável do resto da sociedade moçambicana; o Estado não era visto como um resultado de lutas de classes dentro da sociedade e que o poder que dele emanava não podia ser visto, automaticamente, como defendendo os interesses dos operários e camponeses;
3. A incapacidade de concretizar as orientações do Partido tem sido atribuída à falta de quadros, falta de formação e raramente às actuações de classes, dos funcionários que implementam as orientações à sua maneira, não como incompetentes, mas como pessoas pertencentes a camadas sociais objectivamente opostas à concretização dum Estado que defendesse inequivocamente os interesses dos camponeses e operários;
4. Uma concepção de lutas de classes geridas, controladas e fiscalizadas através do controlo do Partido e do Estado.

No fim dum seminário do DTI em 1981, o Primeiro Secretário do DTI, Jorge Rebelo, fazendo um balanço crítico do Partido declarou:

"Imbuídos do espírito burguês de estrutura, muitos quadros do Partido isolam-se das massas, pensam erradamente que o seu contacto com as massas lhes fará perder uma pretensa respeitabilidade. Para esses membros do Partido, ser chefe, ser responsável, implica necessariamente viver longe das massas e ser temido por elas"(17).

A resolução que saiu da 3ª Reunião Nacional do Trabalho Ideológico levantou questões de fundo sobre os problemas de transição e do funcionamento dum partido revolucionário que tem o poder de Estado. As resoluções daquela reunião vêm como um inventário dos problemas enfrentados e ao mesmo tempo demonstram que o desafio enfrentado em 1974 e 1975 pela Frelimo era duma complexidade e duma dificuldade que ainda hoje é difícil compreender. O balanço mostra claramente a ligação de classe que existe entre a prática política de membros do Partido e o facto do Partido afastar-se das massas. No entanto, assim como em tantos outros casos onde são apontados claramente os problemas, a 3ª Reunião não conseguiu criar as estruturas organizacionais de classes para combater o tal "partido burguês". Esta falha constitui uma falha estrutural cuja raiz é tão profunda que, pode dizer-se, começou a impedir uma análise revolucionária da sociedade moçambicana, caindo-se no pessoalismo e no abstracionismo teórico, deformador da capacidade de apreensão da realidade.

As periódicas ofensivas constituem a manifestação mais concreta desta falha. Com a agravante de que, em seguida, fica, entre as várias percepções erradas, a de que se os resultados não foram ao encontro do que se esperava, a incapacidade deve-se às pessoas envolvidas (18).

Não há dúvida que um dos suportes mais vulgares deste argumento vem do próprio prestígio atribuído à pessoa do Presidente, prestígio que se traduz na ideia, errada, de que basta o Presidente saber, para se corrigirem as anomalias.

Quando John Saul aborda o tema da relação entre a ideologia, o Partido e o Estado, redu-lo a um mero problema técnico e pedagógico de escolha do melhor método de ensino

do Marxismo-Leninismo (19). Assim, falando do encerramento da Faculdade de Marxismo-Leninismo, John Saul identifica o problema como sendo uma falha a nível do corpo docente que ensinava a disciplina de uma maneira abstracta e desligada das condições materiais de Moçambique. Pode ser, mas as dificuldades de enraizar uma ideologia revolucionária não podem ser compreendidas se são analisadas isoladamente das contradições e lutas a nível de toda a sociedade.

Atribuir a abstracção do marxismo-leninismo aos professores desta matéria é inverter o processo. A abstracção que se nota a nível do ensino do marxismo-leninismo só pode ser compreensível se é vista como reflexo duma divergência entre a teoria e a prática revolucionárias a nível global da sociedade. O processo de abstracção do marxismo-leninismo começa pelo afastamento do Partido das massas. Esta causa principal tem depois efeitos no ensino. Será difícil curar o problema se os efeitos são tratados como se fossem as causas. A cura não vai aparecer só por tomada de medidas, por mais correctas que sejam. Uma das lições da luta armada, formulada pela Frelimo, é que a revolução não se aprende nos livros, mas fazendo-a. Mas hoje a situação modificou-se de tal forma que algumas fórmulas, mesmo as do tempo da luta armada, parecem ser de pouca utilidade. Estando no poder, exercendo o poder de Estado, como poderá a Frelimo exercer este poder de uma forma popular e revolucionária, que permita consolidar as conquistas da luta armada?

É possível que, tendo ele próprio ensinado o marxismo-leninismo, John Saul viesse a pensar que o problema de fundo era uma questão de método, quando os problemas enfrentados nas escolas e na faculdade tomaram as formas aparentes dum problema tecnicamente resolúvel. O ponto fundamental que John Saul evita confrontar está numa análise das contradições no seio da sociedade moçambicana. Grande opositor da abstracção do marxismo, acaba por desenvolver uma discussão abstracta da maneira como o marxismo é aplicado em Moçambique. A discussão é abstracta porque não foca sobre as contradições que se manifestam dentro da sociedade moçambicana, mas sobre a tensão entre um ideal (em parte já atingido em vários momentos

da história da Frelimo) e uma realidade às vezes tão afastada do ideal que é válido perguntar-se se não seria mais correcto falar de ruptura do que de tensão.

Por que houve afastamento? Além de resultado de erros internos, foi também resultado dos assaltos dos inimigos da Frelimo desde o primeiro dia da sua existência. As forças que queriam que a Frelimo não conseguisse os seus ideais manifestaram-se ao longo da sua história de várias maneiras, dentro e fora do Partido, dentro e fora do Estado, dentro e fora do país. O surgimento dos bandidos armados pode ser considerado como a manifestação mais dura e mais destruidora destas forças.

5. O ESTUDO DO INIMIGO

Foi dito já que uma das lacunas de muitos trabalhos sobre a Frelimo está na falta de análise do inimigo e suas transformações provocadas pela luta. Isto apesar da Frelimo sempre ter insistido sobre a necessidade de conhecer bem o inimigo. E, em parte, se a Frelimo venceu em 1975 foi porque esforçou-se em estudar sempre o inimigo. A lacuna notada, no que diz respeito ao período 1962-1975, reproduz-se no período após 1975. Os autores falam dos bandidos armados, mas não fazem um esforço para os analisar. É interessante notar que antes da vitória de 1975, o Presidente Samora já chamava a atenção para os perigos que podiam resultar da falta de estudo do inimigo. Numa crítica dirigida aos quadros que se deixam influenciar pelo espírito de vitória, disse que eles:

"deixam de estudar o inimigo, considerando que já o conhecem suficientemente, e a prova é que aí estão as vitórias. Mas as manobras do inimigo evoluem continuamente, o seu espírito criminoso e desesperado cresce com cada derrota. Não estudar constantemente o inimigo, desprezá-lo tacticamente, leva-nos à

rotina, e por isso a sermos surpreendidos pelas novas manobras do inimigo, pelos seus novos crimes. Assim, em vez de mantermos a ofensiva, em vez de destruirmos a cobra quando está no ovo, caímos na defensiva, descobrimos a cobra quando já adulta, levanta a sua cabeça venenosa para nos liquidar".

Quando o nome de bandidos armados foi oficializado, a Frelimo não tinha deixado de se bater para definir rigorosamente o que separava os seus objectivos dos dos colonialistas, o que separava a sua concepção duma sociedade justa e igualitária da do regime colonial fascista. Um primeiro passo, necessário, foi reagir contra a respeitabilidade política e ideológica que os bandidos armados tentaram criar em volta de si, chamando-se RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) e antes disso África Livre.

Mas ao mesmo tempo houve uma subestimação dos desgastes e das alianças que os bandidos armados podiam conseguir. É possível ver na política de destruição uma prática típica do fascismo mais reaccionário. Como dizem os camponeses, os bandidos armados são efectivamente hienas, mas mesmo que tenham comportamento de animais, os bandidos armados são homens que foram utilizados não para criar um movimento político, mas para destruir, com o objectivo de desmoralizar. O banditismo armado foi especificamente utilizado da mesma maneira que a PIDE e os sul-africanos utilizaram e utilizam a tortura e a repressão violenta: para quebrar o oponente. E depois proclamar que a queda da vítima é mais uma prova da incapacidade inerente aos pretos de dirigir um Estado, e do socialismo ser incapaz de desenvolver uma economia funcional.

A política de destruição só por destruir não é tão ilógica como podia parecer à primeira vista: algumas das mais potentes multinacionais surgiram e fortaleceram-se por via da Segunda Guerra Mundial e das guerras da Coreia e do Vietname.

Pode ser correcto dizer que os bandidos armados não têm base social, mas pode-se também ver nos bandidos a estreitíssima base social dos financiadores fascistas guiados só pelo desejo de recriar as condições que perderam em 1975.

Pode parecer contraditório considerar um grupo a-social como uma base social, mas esta contradição desaparece se tomarmos em conta o facto de que os regimes de extrema direita caracterizam-se pela estreiteza das suas bases sociais e pelo recurso à violência para assentar e manter o seu poder.

Pode-se duvidar do interesse dos bandidos armados em criar uma oposição, mas o que é indubitável é o seu ódio ao comunismo e qualquer coisa que de perto ou de longe se assemelhe. Mesmo que não sejam representativos, quer a nível nacional quer a nível internacional, não seria a primeira vez na história dum país do terceiro mundo que as potências imperialistas se organizariam para montar do nada um "governo de reconstrução nacional", enfeudado aos seus interesses; como se fez em Granada para citar um dos casos mais recentes.

Os bandidos armados têm raízes que vão até à fundação da Frelimo. Naquelas alturas e sobretudo depois do II Congresso em 1968, os bandidos armados foram ideológica e politicamente identificados como reaccionários e aliados directos dos colonialistas portugueses. Falar de bandidos sociais consiste um não-sentido: qualquer que seja a sociedade onde se encontra um bandido é por definição a-social. Falar de bandidos sociais (portanto bons) é a mesma coisa que falar de bons nazis.

CONCLUSÃO

O que tentamos mostrar é que na própria história da Frelimo, nas suas próprias fontes, existem bases para produzir uma história problematizada, uma história que sirva de reflexão e de estudo sobre a situação actual. Os textos da Frelimo podem guiar a construção duma história mobilizadora, mas não a contém. Para utilizar estes textos é preciso, como disse o Presidente Samora, abandonar o espírito de vitória porque:

O espírito de vitória é uma manifestação de oportunismo de esquerda: leva-nos a desprezar taticamente o inimigo, conduz-nos ao aventureirismo. Cedo ou tarde o espírito de vitória far-nos-á pagar em sacrifícios, far-nos-á pagar caro, em baixas pesadas e inúteis, os erros que cometemos.

O espírito de vitória é irmão gêmeo do espírito de derrota, o oportunismo de esquerda é a outra face do oportunismo de direita.

Quando em consequência dos erros cometidos pelo espírito de vitória, se sofrem reveses, os aventureiros caem então no espírito de derrota, temem o inimigo do ponto de vista estratégico, começam a só analisar fracassos, deixam de ver os progressos da luta. Como tinham o espírito de vitória rápida, a guerra torna-se "interminável" nas suas cabeças. As vitórias alcançadas são para eles casuais e isoladas.

Com este espírito, passam a realizar as suas tarefas com um desinteresse evidente, abandonam totalmente a visão de conjunto, só vêem erros nos trabalhos efetuados pelos outros camaradas, mas recusam-se a apontar e discutir os erros, a propor soluções justas. Preferem o murmúrio à crítica e autocrítica, a intriga à discussão aberta. Criam os seus grupinhos, os seus aliados...

Os corpos continuam na nossa zona, mas os espíritos já se instalaram na outra zona, sonhando com o conforto e corrupção vistos como coisas maravilhosas (21).

NOTAS

- (1) Joseph Hanoln, Mozambique: Revolution Under Fire, Zed Books, London, 1984, 292 p. John Saul, (editor), A Difficult Road: The Transition to Socialism in Mozambique, Monthly Review Press, New York, 1985, 420 p.
- (2) Este é o caso de vários livros ou artigos quer de esquerda, quer de direita, como por exemplo Barry Munslow, "State Intervention in Agriculture: The Mozambican Experience", Journal of Modern African Studies, 22, 2 (1984), pp. 199-221; Horace Campbell, "War, Reconstruction and Dependence in Mozambique", Journal of African Marxists, 6, October 1984, pp. 47-73; Michel Cahen, "Etat et pouvoir populaire dans le Mozambique independant", Politique Africaine, 19, September 1985, pp. 36-60; Greenwood Press, 1983, 289 p.
- (3) O livro de Henricksen é típico desta última problemática apresentando a Frelimo como uma organização militar, significando, para ele, uma organização ipso facto repressiva, e portanto não podendo desenvolver uma sociedade democrática. Henricksen, como tantos outros observadores americanos e europeus, que se levantam contra os regimes militares do terceiro mundo, pretendem esquecer que o apelo à luta armada foi resultado da "pacificação", leia terrorismo, operado nestes mesmos territórios pelo poder colonial-imperialista.
- Sobre a questão da teleologia na história, tem havido muitos trabalhos. O mais destacado, porque coloca-se numa perspectiva revolucionária, é o livro de Pierre Raymond, La Resistible fatalité de l'histoire.
- (4) Entrevista com Pietro Petrucci, Afrique-Asie, n. 109, 17-30 Mai 1976. Esta citação não aparece na entrevista, mas foi gravada.
- (5) Basil Davidson, The People's Cause, Longman, 1981, pp. 127-8.
- (6) John Saul, Op. Cit., p 88

- (7) Ibid., p. 9.
- (8) Ibid., pp. 13-15.
- (9) Ibid., pp. 24-29.
- (10) J. Hanlon, Op. Cit., p. 28.
- (11) Ibid., capítulo 18.
- (12) Samora Machel, "Estabelecer o Poder Popular", na edição A Nossa Luta, 2ª edição, Imprensa Nacional de Moçambique, 1975, p. 130.
- (13) John Saul, Op. Cit., p. 101.
- (14) Joseph Hanlon, Op. Cit., p. 265.
- (15) Samora Machel, Op. Cit., p. 131.
- (16) Ibid., p. 119
- (17) Notfcias, 6 de Julho de 1981.
- (18) Depois da última ofensiva do Presidente, por volta de 25 de Setembro de 1985, a opinião dominante, das pessoas entrevistadas pela Televisão Experimental, era de que a ideia da ofensiva era boa, mas não se compreendia por que devia ser feita pelo próprio Presidente.
- (19) John Saul, Op. Cit., pp. 137-147.
- (20) Samora Machel, "Estabelecer o Poder Popular", Op. Cit., p. 131.
- (21) Ibid., p. 132. Depois de ler isto alguém podia alegar de que estamos a encorajar o espírito de derrotismo. A única coisa que se quer encorajar é uma abordagem da história em que nada está fatalmente decidido.